

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril/1986



Como Folhas de Outono

As publicações adventistas devem ser espalhadas «como folhas de Outono». Isto inclui livros (*Testimonies*, vol. 9, p. 72), *folhetos* e panfletos (*Ibid.*, p. 231).

Tendo crescido na costa ocidental dos Estados Unidos, eu nunca compreendi completamente o que significava a expressão «como folhas de Outono», até que vim morar para a cidade de Washington.

A queda das folhas nesta cidade é espectacular. Primeiramente, elas ganham belos tons de castanho, amarelo e vermelho quando estão ainda nas árvores. Depois, pouco a pouco, começam a cair. Caem aos montes. Chega a ser quase um incómodo ter de andar por cima destas folhas. E quando se trata de limpar o nosso quintal ou relvado, que a maioria das casas aqui têm, é um verdadeiro problema. Formam-se pilhas destas folhas caídas; às vezes ficam em montes mesmo nas ruas, ensooadas de chuva.

Há uma qualidade nestas folhas de Outono caídas no chão que me impressiona. Ninguém lhes escapa. Estão por toda a parte. Mesmo quando uma

pessoa se esforça por varrê-las cuidadosamente, há sempre uma folha que aparece no nosso pátio ou varanda, e em breve muitas outras se lhe vão juntar. As novas folhas que caem substituem as que varremos, porque o vento arrasta-as da rua, dos quintais e relvados vizinhos, e faz cair mais folhas das árvores.

Às vezes, ao fazermos o possível por sustentar esse dilúvio castanho-dourado, medito nas implicações de inundar o mundo com as nossas publicações, «como folhas de Outono». Certamente não poderemos ir a todos os lugares para realizar este objectivo, apesar do tremendo trabalho que as nossas casas editoras e os nossos colportores evangelistas estão fazendo.

Uma senhora, que frequenta a nossa igreja, embora não seja ainda membro baptizado, escreveu à *Review and Herald* dando sugestões de lugares onde poderia haver literatura adventista. A lista é longa. Desde cabines telefónicas, a salas de espera, mesas de cabeceira dos doentes hospitalares, ou dos quartos de hotel, restaurantes, taxis, prisões, paragens de

autocarro ou camioneta, etc. etc., tudo foi bem pensado, e é extraordinário como há, de facto, tantas possibilidades. E cada um de nós pode, certamente, lembrar-se ainda de mais. Se os nossos membros colocassem, deixassem, semeassem, enviassem pelo correio ou dessem, simplesmente, uma peça de literatura por dia, quanta literatura adventista distribuiríamos no fim do ano! Chegaríamos perto daquele conceito de «folhas de Outono», não é?

Mesmo pessoas demasiado tímidas para fazerem contactos pessoais podem distribuir literatura. Basta descobrirem o método de que gostam, porque as oportunidades e maneiras de testemunhar de Cristo são ilimitadas.

A Campanha das Missões, que tem lugar durante o corrente mês de Abril, oferece-nos também uma oportunidade extraordinária de espalhar a nossa literatura «como folhas de Outono», proporcionando-nos, por outro lado, a obtenção de fundos que irão ajudar a Igreja na consecução do seu vasto programa missionário e de beneficência. *AR, adaptado.*

Campanhas de Evangelização

I. Em todas as Igrejas e Grupos ABRIL / MAIO

Tema Geral: O HOMEM E AS SUAS ORIGENS

15 Reuniões em dias seguidos ou nos fins de semana

II. Campanhas de Evangelização Regionais

IGREJA DA GUARDA 15-30 ABRIL

Responsável: Pastor Joaquim Casaquinha

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril 1986

Ano XLVI • N.º 475

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 550\$00
Número Avulso 55\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Como Folhas de Outono Adaptado/Adventist Review
- 3 Três Revistas ao Serviço da Igreja
Por J. Morgado
- 4 Educar para a Colheita
Por Pietro Copiz
- 5 A Voz da Fé
Por Gary B. Patterson
- 7 O Espírito Santo e a terminação da Obra
Por Manuel Nobre Cordeiro
- 10 Sinais do Tempo — Sinais do Fim
Por José Manuel de Matos
- 11 Falando com o Pastor Samuel Reis
Entrevista
- 14 Departamento de Actividades Leigas
Por George E. Knowles
- 15 Empregos e Negócios
Por Ellen G. White
- 16 Como terminará a obra do Senhor?
Por Manuel Garrido

Três Revistas ao Serviço da Igreja

No calendário adventista, o dia 26 de Abril é dedicado à **Revista Adventista**.

Esta pequena revista, com todos os seus defeitos, tem a grande virtude de ser um elo de ligação entre a família adventista portuguesa.

Há, no entanto, algo que nos deveria preocupar: a sua maior divulgação. Há lares adventistas onde esta revista não penetrou. Há membros de igreja que ainda a não têm.

Um esforço muito grande tem sido feito para que ela esteja nos lares no próprio mês a que se refere. Tem sido feito, igualmente, um esforço para o seu melhoramento gráfico, no que têm colaborado os irmãos que se encarregam da sua impressão, e tem também sido feito um esforço para melhorar o seu conteúdo.

Esperamos que no dia dedicado à **Revista Adventista** dois grandes esforços sejam feitos: aumentar a sua divulgação e que seja recolhida uma boa oferta para aliviar o seu défice anual.

E já que estamos falando de literatura, convém lembrar a função maravilhosa que ela tem desempenhado na propagação da mensagem adventista.

Desde o momento em que Ellen White transmitiu a seu marido Tiago a mensagem da parte de Deus para que fosse publicada uma pequena revista, aquela obra, pequena no início, transformou-se numa poderosa alavanca para levar a mensagem do Segundo Advento a todo o

mundo. O relato daquele momento em que a revista impressa foi colocada no chão da sala e que um grupo se ajoelhou à sua volta para orar impressionou-me sempre. E vemos hoje como Deus respondeu à oração, abençoando aquele pequeno começo.

Graças a Deus, também esta obra das Publicações se tem desenvolvido no nosso País. Além da **Revista Adventista**, dispomos hoje de mais duas Revistas. Uma, de saúde, é desconhecida da maior parte dos nossos membros. Temos a tendência de pensar que as suas mensagens são para os estranhos à Igreja, quando nós próprios muito ganharíamos em meditar e sobretudo praticar os ensinamentos que ela contém. A **Revista Saúde e Lar** é um extraordinário elemento de evangelização. Há uma reforma de saúde que deve ser praticada inteligentemente na Igreja. Há conceitos que são bem recebidos no mundo que nos cerca e esta Revista poderia ser um instrumento extraordinário de penetração missionária.

A outra Revista de que dispomos, uma vez por trimestre, é a **Revista Sinais dos Tempos**. Começou por ser publicada duas vezes por ano e neste momento já temos quatro números anuais. É uma revista muito bem recebida pelo público. Pena é que haja igrejas que às vezes a distribuem meses mais tarde depois de ser publicada, ou a armazenam nos armários das Sociedades



Missionárias. É necessário que as mensagens da **Revista Sinais dos Tempos** possam penetrar nos lares portugueses, anunciando a bem-aventurada esperança da breve volta de Jesus.

Temos, pois, à nossa disposição, três Revistas que, se fossem devidamente aproveitadas e lidas, poderiam ser uma maior bênção para a nossa Obra, para a nossa fé e para a nossa saúde.

Vejo, às vezes, irmãos interessados em publicar literatura, por vezes anónima, que não tem qualquer interesse. Porque não investirmos nestas revistas para que a **Revista Adventista** possa ter maior número de páginas, para que os **Sinais dos Tempos** possam ser publicados um maior número de vezes ao ano, para que a **Saúde e Lar** possa ser mais conhecida? Assim, estaríamos contribuindo decididamente para que a obra destas publicações pudesse cumprir o plano de Deus ao incentivar o começo daquela primeira revistazinha do movimento adventista, que então tinha nascido.

Que o Senhor nos ajude nestes planos.

J. Morgado

Educar para a COLHEITA

PIETRO COPIZ



COLHEITA 90 é uma palavra de ordem que já cativou a imaginação de milhares de adventistas em todo o globo terrestre. Depois dos 1000 DIAS DE COLHEITA nota-se uma crescente aceleração no número de batismos. O apogeu deste quinquênio será alcançado por ocasião da Conferência Geral de 1990, quando cada país levará simbolicamente as primícias do seu trabalho à grande festa da colheita (Êxodo 23:16).

Presidentes de União e Associação, evangelistas, pastores e grande número de membros de igreja estão activos, fazendo planos, aperfeiçoando estratégias e estabelecendo prioridades. Várias campanhas de evangelização estão já em marcha; outras actividades, tão variadas quanto os talentos e a boa vontade dos animadores e seus associados, vão seguir-se-lhes em breve. Que se passa com a Educação? Terá ela um papel a desempenhar neste vasto esforço?

É animador saber que várias escolas já elaboraram os seus próprios planos de evangelização para este quinquênio. Tais planos têm geralmente o objectivo de alcançar a comunidade local. Uma das nossas escolas propõe-se, por exemplo, abrir uma nova igreja na sua cidade, antes de 1990. Periodicamente, serão apresentados relatórios sobre evangelização através das nossas escolas, afim de informar, estimular e inspirar.

Todavia, será que COLHEITA 90 representa apenas um esforço em relação ao exterior? Qual a atitude da Igreja para com os Cordeiros do seu rebanho? Vão eles ser negligenciados, ou mesmo esquecidos, enquanto a Igreja se enche de novas ovelhas?

Semear na Igreja

COLHEITA 90 significa também co-

lheita na Igreja. Mas como se colherá se não se semear? «Tudo o que o homem semear, isso também ceifará» (Gál. 6:7).

O lugar por excelência para semear é a família: o mandato dos pais permanece primordial e insubstituível. Através da sua vida, do seu exemplo, através do culto em família, e actividades em comum, pela atmosfera mantida no lar, as tenras mentes infantis, abertas a todas as influências exteriores e facilmente impressionáveis, são moldadas, por vezes de forma indelével. Nada pode substituir a influência potencial dos pais que, num espírito de consagração, usam o tempo em que Deus lhes confia esses seres para assim os educarem. Porque, se os pais não semearem, outros se encarregarão de fazê-lo.

São seres ainda facilmente influenciáveis que se transplantam para as escolas, que se constituem assim verdadeiros viveiros de vida. Depois de ter cuidado com amor dos nossos pequenos tesouros, a que espécie de meio os vamos confiar para o seu crescimento? Em que solo vão desenvolver as suas raízes? Tratar-se-á de viveiros que permitam a sua transplantação para o céu? Depois do lar, haverá seguimento mais lógico e mais desejável do que uma escola que adopte os mesmos princípios inculcados na família? A que riscos submetemos os nossos filhos ao aceitar seguir a tendência do menor esforço, a escola oficial do nosso bairro? Seria desejável que tais questões encontrassem o caminho da consciência dos nossos crentes e os levassem a soluções muitas vezes sacrificiais, mas coerentes. Porque, como dizia recentemente G. Ralph Thompson, secretário da Conferência Geral, numa meditação em Collonges, «como vão as nossas escolas, assim vai a Igreja.»

Para as crianças — ainda bastante numerosas — que não possam ter neste momento uma escola adventista, torna-se absolutamente indispensável proporcionar-lhes, durante o ano escolar, uma instrução religiosa na igreja. É verdade que não será senão uma hora de ensino

por semana, no esquema de um programa que abranja toda a escolaridade das crianças; mas poder-se-á fazer menos? Deixaremos as crianças que não frequentam as nossas escolas mergulharem as suas raízes em solos totalmente estranhos? Torna-se vital uma acção e uma responsabilidade conjunta por parte dos pais e pastores, se se quiser evitar catástrofes bem previsíveis.

Devem também planejar-se outras actividades, complementares mas igualmente essenciais. Se, por um lado, é preciso evangelizar os nossos filhos, é também necessário que eles sejam activamente associados aos programas da igreja bem como à proclamação do Evangelho. É preciso trabalhar o terreno dos corações e dos caracteres para semear tanto ideias como hábitos: é a Igreja de amanhã que estamos a modelar. Se criarmos as condições para um crescimento de qualidade, poderemos esperar, também, uma colheita de qualidade.

O clamor mais trágico que corremos o risco de ouvir da parte dos nossos filhos é: «Passou a sega, findou o Verão, e nós não estamos salvos» (Jer. 8:20). Por outro lado, se aceitarmos as condições, Deus promete salvar os nossos filhos (Isa. 49:25). Sabemos que «a ceifa é o fim do mundo» (Mat. 13:39). Em breve será dada a ordem: «Lança a tua foice, e sega; é já vinda a hora de segar» (Apoc. 14:15).

Não esqueçamos as nossas crianças. Empenhemo-nos totalmente na sua salvação. E, pensando no Dia da Educação e em COLHEITA 90, semeemos diligentemente, tendo em vista a mais preciosa colheita da Igreja: os nossos próprios filhos. □

PIETRO COPIZ

Director do Departamento de Educação da Divisão Euro-Africana

A Voz da Fé

GARY B. PATTERSON

A verdadeira oração de fé não exige o cumprimento de cada promessa — seja qual for a sua interpretação ou aplicação — mas antes diz: «Nas Tuas mãos entrego o meu espírito».

Nas guerras entre nações, a vitória obtém-se vencendo o inimigo. Nas lutas espirituais a batalha vence-se pela submissão ao nosso Amigo.

Assim, ao morrer na cruz, Jesus submeteu-Se não àqueles que O atormentavam, mas a Deus. Ele não poderia submeter-Se às forças do mal arrematadas junto à cruz em forma satânica e humana, mas entregou tudo nas mãos de Deus, com confiança total na Sua vontade, e em cooperação com o Seu plano. Através de toda a Sua vida, Jesus submeteu-Se a Deus, e por essa razão nunca conheceu a derrota, mas triunfou sempre, tanto na vida como na morte.

«Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito», disse Ele ao inclinar a cabeça e morrer. Não eram palavras novas, mas uma citação do Salmo 31:5, que muitas vezes tinham sido repetidas ou cantadas pelo povo hebreu. Sem dúvida, Jesus tinha-as pronunciado na Sua infância e juventude, na oração da tarde, como era costume. Agora, desse hábito nascido de longos anos de confiante devoção, ao mergulhar no sono da morte, os Seus lábios deixaram escapar essas palavras de confiança.

Não se trata de palavras freneticamente rebuscadas num momento de crise, não há aqui nenhum «voltar-se para Deus no leito de morte»; trata-se, sim, da manifestação de uma suprema confiança na vontade do Pai, nascida da experiência, alimentada pela prática da Sua vontade na vida diária. Para morrer como Jesus morreu tem de se viver como Ele viveu. Tal confiança provém de uma entrega completa a Deus. «Nas Tuas mãos» inclui uma declaração perfeita de fé e confiança, modelo para a nossa própria experiência.

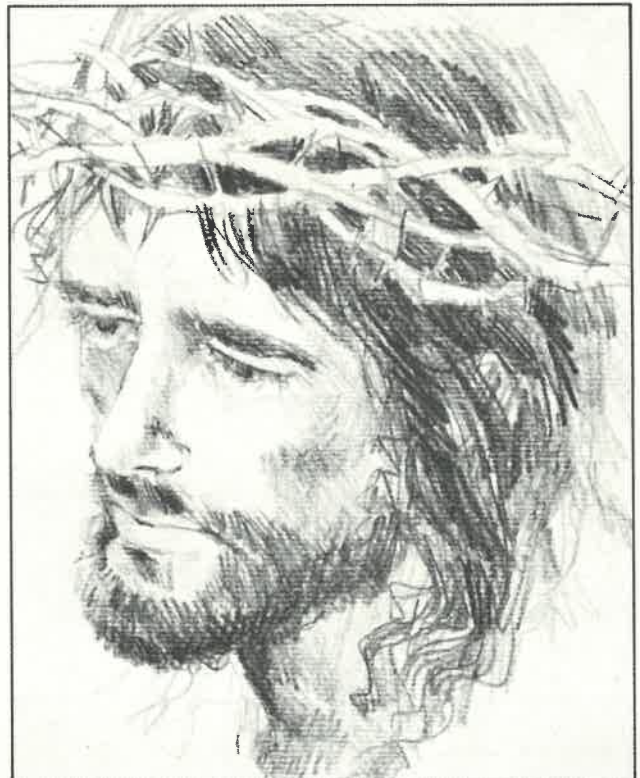
Todavia, a nossa ideia de fé assemelha-se à dos atormentadores de Jesus, que se reuniram junto à cruz para troçarem da sua angústia e para exigirem

demonstrações espectaculares. «Que Ele desça da cruz agora, e creeremos n'Ele», gritavam. «Que Deus O salve, já que Ele proclama ser o filho de Deus».

Quão levemente são os valores eternos postos em causa por uma momentânea vaidade! Estes atormentadores junto à cruz representam as pessoas que crêem apenas quando contemplam manifestações miraculosas. Mas fé em Deus e milagres não são necessariamente sinónimos. Na realidade, podem até estar em oposição um ao outro. Falhar em compreender o significado da confiança em Deus favorece um conceito místico de fé, o qual leva à presunção.

Algumas vezes cita-se Gideão como um exemplo da maneira como a fé opera. «Vamos expor o velo de lã e veremos o que acontece», dizemos muitas vezes quando temos de tomar uma decisão. Conquanto devamos indagar qual a vontade de Deus, a experiência de Gideão não demonstra fé; demonstra antes a paciência de Deus com as dúvidas de Gideão. A visita do anjo teria convencido qualquer um; todavia, Gideão pediu mais uma prova. E mesmo depois deste pedido adicional ter sido satisfeito, Gideão quis ainda mais provas.

Falamos de ter fé na oração. Temos nós fé na oração em vez de termos fé em Deus? Poderá a oração tornar-se a a lâmpada de Aladino nas mãos de um Cristão, que convoque um génio celestial? Tal ideia é perigosa, porque, se crermos que a oração nos consegue seja o que for que desejemos, então sofreremos desânimo quando a nossa vontade for



GARY B. PATTERSON

Presidente da Associação Georgia-Cumberland

contrariada. Cremos nas pessoas, amamos as pessoas, não as conversas, ou as cartas, ou os telefonemas. Assim, tenhamos fé em Deus, não na oração, que é apenas o meio de comunicação que torna possível a fé em Deus.

Perseverança na fé

A fé revela-se a si própria não através de manifestações de poder miraculoso, mas pela perseverança em tempos de dificuldade. A verdadeira fé em Deus persiste tanto nos dias bons como nos maus, quando vemos o Seu poder ou quando parece que sofremos sozinhos. A verdadeira oração de fé não exige o cumprimento de cada promessa — seja qual for a sua interpretação ou aplicação — mas antes diz: «Nas Tuas mãos entrego o meu espírito. Toma-me como sou e faz-me o que devo ser, seja qual for o custo.»

Quando colocamos as coisas nesta posição, comecemos a compreender a atitude de Deus quanto à

oração em favor de cura, que é provavelmente, o tema de oração mais mal compreendido. Por natureza, o pecado causa sofrimento e mata. E até Jesus voltar assim continuará a ser. Todavia, a todos os que entregarem as suas vidas a Deus, será dada cura, seja nesta vida presente, seja na ressurreição.

Encontrei-me um dia à beira do leito de uma pessoa de notável reputação espiritual, que fora atingida por uma doença maligna.

Com três outros pastores, todos bem conhecidos dirigentes da Igreja, reunimo-nos em oração por esse santo que estava sofrendo. Pensei: Com este fiel membro de igreja e estes homens de Deus, vou certamente ver um milagre de cura.

Fiquei extremamente impressionado ao ouvir as orações daqueles consagrados homens, naquela solene ocasião, e saí com a convicção de que a cura iria ocorrer. Foi para mim um grande choque saber no dia seguinte que, pouco depois de termos orado, aquele doente falecera. Que se passa com as promessas de cura?

Boa memória — Mau raciocínio

EDWIN JOHNSON

Há anos, durante o Inverno, arranjei trabalho na propriedade de um vizinho que vivia a cerca de sete quilómetros de distância da nossa casa. Uma vez por semana tinha um dia de folga e geralmente ia a casa de manhã e voltava à noite.

Como não tinha nenhum meio de transporte, este vizinho deixava-me levar um dos seus cavalos. Muitas vezes escolhi Billy, um cavalo vivaço, de cinco anos de idade e que ainda não estava completamente domado.

Em certo lugar do caminho para casa, a estrada era atravessada por um pequeno regato, sobre o qual fora construída uma ponte de pranchas de madeira. Uma noite, voltava eu para a propriedade do vizinho, quando notei, à pálida luz das estrelas, que faltava uma das pranchas da ponte. Fazer o Billy atravessar aquele espaço de 30-40 centímetros, era, apesar de tudo, um desafio. Todavia, ele acabou por dar um grande salto e conseguir.

Algumas semanas mais tarde, voltei a montar o Billy. Entretanto, a prancha partida fora substituída. Quando chegámos, ele hesitou, mas com paciente incitamento, ele deu mais um grande salto e atravessámos a ponte. Mesmo muito tempo depois, sempre que montava aquele cavalo, já sabia que me estava reservada a emocionante experiência de um grande salto sobre a ponte. Acho que o Billy nunca deve ter tocado na prancha nova.

Se o raciocínio daquele cavalo fosse igual à sua memória, ele teria sido um animal notável. Mas era apenas um animal, e os animais agem geralmente por instinto e não por raciocínio.

Certa vez encontrei uma pessoa que não ia à igreja por que anos antes, quando era jovem, um membro dissera qualquer coisa que o ofendera. Ele nunca fora capaz nem de esquecer nem de encontrar forças para perdoar. Talvez que o que foi dito não tenha sido correcto nem cristão, mas deverá alguém carregar tão pesado fardo de ressentimento em relação a outra pessoa e arriscar-se a ser eternamente perdi-



do por recusar o perdão? Proceder assim seria mostrar boa memória, mas mau raciocínio.

Quanto melhor não é esquecer as «coisas que atrás ficam» e sentir-se livre para prosseguir «para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus»!

«Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado, mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus» (Filipenses 3:13, 14).

Os meus pensamentos voaram até ao dia da ressurreição. Haverá então uma onda de poder divino. Aquele nosso santo que dorme despertará com a recordação do dia em que orámos por ele e em que esperámos a sua cura. Erguer-se-á e louvará o Senhor pela maravilhosa resposta à oração. Pensei em como seria incongruente naquele momento de triunfo para o nosso irmão compreender que tinha morrido e zangar-se com Deus por não ter respondido à sua oração. A oração pela cura é sempre respondida afirmativamente, seja imediatamente ou seja na ressurreição.

Foi por esta certeza de triunfo, de vida mesmo depois da morte, que Jesus foi crucificado e morreu. Seguindo o Seu exemplo, podemos entregar as nossas vidas nas mãos de Deus, sem medo. A nossa luta, com esperança e fé, empalidece ao lado da fé de Jesus. Ninguém antes d'Ele abriu o caminho. Todavia, Ele enfrentou a morte com inextinguível confiança.

Nunca até à morte de Jesus, fora o carácter de Satanás tão claramente demonstrado. Por isso, a cruz torna-se o símbolo de dois governos opostos, revelando as profundezas às quais Satanás baixará para nos destruir e as profundezas da degradação às quais Deus Se submeterá para nos salvar. Para Deus, a cruz simboliza o amor eterno; para Satanás, a autodestruição. Significará também um ou outro para cada um de nós.

Duas árvores se destacam na História: a árvore da vida e a árvore da morte. Deus plantou a primeira num jardim e nela colocou o mais excelente fruto, a fim de que o homem pudesse participar dele e viver eternamente. O homem plantou a segunda árvore num deserto e nela colocou o seu Criador, o Qual participou da morte para que nós pudéssemos, uma vez mais, participar da Sua árvore e viver eternamente. □

O Espírito Santo e a terminação da Obra

MANUEL NOBRE CORDEIRO

A nossa situação actual é semelhante à dos discípulos antes da crucifixão e mesmo até à ascensão de Cristo. Eles estavam mais preocupados com as posições e interesses materiais do que com o serviço. Durante os dez dias que se seguiram à ascensão eles oraram, jejuaram e puseram de parte as suas diferenças. Como resultado disso, Deus operou em seu favor enviando-lhes o baptismo do Espírito Santo no dia de Pentecostes, que os capacitou a realizarem a obra que realizaram. Pregaram numa geração o evangelho a toda a criatura debaixo do céu. (Col. 1:23).

O que a igreja actualmente mais necessita é de um novo Pentecostes. Para tal é necessário que reconhecemos a nossa necessidade pessoal e nos consciencializemos

dos tempos bastante solenes em que vivemos e que isto nos leve a humilhar-nos fervorosamente perante Deus suplicando-Lhe que perdoe a nossa indolência, os nossos pecados, a nossa mornidão, a nossa falta de consagração, a nossa mundanidade, e nos reconsegre de novo, de corpo e alma, ao estudo da Sua Palavra e consequentemente a uma vida de oração e serviço activo e diligente, direi mesmo, urgente. Precisamos de despertar para tal realidade ou pereceremos nós próprios e seremos responsáveis, também, pelas almas daqueles que perecerem à nossa volta, por não os havermos advertido.

A nossa mornidão e indolência são o resultado de não atendermos o conselho da Testemunha Fiel e Verdadeira e pela nossa falta de estudo regular da Palavra de Deus e bem assim de uma vida regular de oração.

Oxalá Deus nos desperte e nos

leve a unir os nossos esforços a fim de concluímos com urgência a Sua obra, pois Ele há muito aguarda que o façamos.

Obreiros e membros deveriam organizar-se em equipas de trabalho e saírem dois a dois para a Seara do Senhor, a qual já está madura para a ceifa.

Se nos esforçássemos, tão eficaz e perseverantemente como o fazem certos grupos ou denominações religiosas, já teríamos terminado a obra e Cristo já teria vindo. Se tais pessoas são tão zelosas em propagar o erro, por que havemos nós de ser tão indolentes em proclamar, aos quatro cantos da Terra, a verdade? Se elas têm êxito em conseguir adeptos para as suas fileiras, apesar das muitas contradições das suas doutrinas, não o teríamos nós muito mais se trabalhássemos como elas trabalham? Se elas seguem com êxitos espectaculares o método de Jesus de contactar directamente as pessoas de casa em casa, não o poderemos nós fazer também como Jesus nos instruiu e ordenou? Ou não será por falta de termos deixado de seguir as instruções do nosso Dirigente por excelência que os nossos débeis esforços têm produzido tão fracos resultados?

«Enquanto não estamos desportos para a situação, e enquanto

MANUEL NOBRE CORDEIRO

Pastor da Igreja de Leiria

muito tempo é consumido no planeamento de como alcançar almas que estão a perecer, Satanás ocupa-se em maquirar e bloquear o caminho». *Medicina e Salvação*, pág. 303. Isto quer dizer que Satanás ocupa o terreno. E quantas vezes não vimos já isso por nós mesmos?

Despertemos, ó despertemos e ponhamo-nos a trabalhar. Não precisamos de gastar mais tempo a planear o trabalho. Saiamos para a vinha do Senhor seguindo as instruções e planos que Cristo nos deixou. «Seja seguido o plano de Cristo. Ele estava sempre procurando oportunidade de empenhar-se em trabalho pessoal, sempre pronto a interessar e atrair homens para o estudo das Escrituras. Trabalhava pacientemente por homens que não tinham um claro conhecimento do que fosse a verdade». — *Idem*.

Cada sincero e genuíno cristão Adventista do Sétimo Dia deve sentir-se angustiado e agoniado com esta situação. Não é de admirar pois o próprio Senhor Jesus Cristo diz que se sente também agoniado com a situação de morridão, indiferença e apatia geral a que a Sua igreja dos últimos dias chegou e que, por tal motivo, está a ponto de vomitar dela todos aqueles que permanecerem nessa situação (Apoc. 3:16). Não queres tu, prezado leitor, desembaraçar-te de tal situação? Então busca atender o conselho e apelo da Testemunha Fiel e Verdadeira (Apoc. 3:18) e a seguir procura organizar-te com outro irmão ou irmã, ou em grupo, para o trabalho missionário. Não fiques à espera que toda a tua igreja se organize para o trabalho porque isso poderá nunca acontecer. Dá tu o passo que a tua convicção e a voz do Espírito Santo te estão a indicar que deves dar. Não esperes mais tempo, decide-te a avançar já. Decide-te a trabalhar pelo teu Mestre como Ele espera que o faças e serás galardoado já qui nesta Terra e terás a vida eterna no porvir. Lembra-te que aquele que desviar uma alma da perdição cobrirá uma mul-

tidão de pecados (Tiago 5:20).

Se és pastor duma igreja, pequena ou grande, organiza um grupo zeloso e activo de trabalho missionário de porta a porta. Não esperes que toda a igreja vá aderir a esse grupo. Mas começa com os que estiverem dispostos. Quem sabe, depois de algum tempo, outros se unirão também ao vosso grupo ao verem o vosso entusiasmo e o vosso zelo. O mesmo deveria acontecer nos Grupos ou Igrejas em que o pastor nem sempre está presente.

Comecem por trabalhar sistematicamente todas as casas da área da vossa Igreja. Levem folhetos, livros, revistas «Sinais dos Tempos» e até mesmo «Saúde e Lar» antigas, mas não demasiado antigas. Procurem vender tais livros ou revistas. Caso não vos queiram comprar nada, ofereci-lhes então um folheto, o que normalmente aceitam para mais facilmente se escusarem de nada comprarem. Se encontrardes pessoas que manifestem interesse nos livros ou revistas e não podem comprar, ofereci-lhes o livro ou revista em que manifestem interesse. Sabei que se abordamos as pessoas para lhes vendermos alguma coisa, elas não ficam tão desconfiadas como quando as abordamos para lhes oferecer apenas um folheto. Desconfiam que tenhamos objectivos prosélitos ou qualquer outro. Além disso, um contacto de venda leva as pessoas a abrirem-se mais, quando mais não seja para recusarem a compra, apresentando as suas razões e objecções. E isso dá-nos assim a oportunidade de dialogar com elas seguindo a direcção do seu raciocínio. Suponhamos que uma pessoa nos diz que não quer comprar nada porque a vida está má, que está desempregada, que enfrenta uma grave crise financeira. É então uma boa oportunidade para lhe falarmos da solução para todos estes problemas que Cristo em breve virá trazer a este mundo, com a Sua vinda gloriosa para vir «julgar os vivos e os mortos». A partir deste começo de diálogo po-

der-se-á estabelecer um contacto permanente com a pessoa, o que não seria possível se nos aproximássemos dela simplesmente para lhe entregar um folheto.

Claro que encontramos pessoas que se furtam a todo o diálogo. Permanecem desconfiadas, indiferentes, oponentes e até hostis e agressivas. A tais pessoas deixemos amavelmente um folheto o qual invariavelmente aceitam. Caso não aceitem despeçamo-nos delas da mesma maneira com um sorriso e cortesmente. Nunca percamos a calma, a delicadeza e a cortesia cristãs. Lembremo-nos sempre de que a nossa aparência, palavras, comportamento e conduta poderão fazer decidir uma pessoa a favor ou contra a aceitação da verdade. E não esqueçamos que muito embora vamos apresentar a verdade às pessoas, esta nunca foi popular, particularmente as verdades características que ensinamos, as quais são classificadas na Palavra de Deus como «verdade presente» (II Pedro 1:12).

Muitos têm vergonha de trabalhar de porta a porta. Mas acaso se envergonhou Cristo, o Senhor da glória, desta espécie de trabalho? «Nosso Salvador ia de casa em casa, curando os enfermos, confortando os tristes, consolando os aflitos, e dirigindo palavras de paz aos abatidos. Ele tomava as crianças nos braços, e as abençoava e dirigia palavras de esperança e conforto às mães cansadas....Era o servo de todos». — *Serviço Cristão*, pág. 114.

No entanto, para aqueles que não se sentem à vontade neste tipo de trabalho, porque não integrar-se num grupo de trabalho num hospital, prisão, lar da terceira idade, infântário, etc., e assim realizarem a obra do Senhor na parte da vinha que melhor se lhes adapte? O facto de não nos sentirmos à vontade para ir de porta em porta, não é razão para não fazermos nada. Há múltiplos modos de fazermos a obra de Deus. O que é preciso é empenhar-nos em algum.

Seja qual for o tipo de trabalho que fizemos para o Senhor, se sairmos dois a dois, como Jesus nos ordenou e instruiu, ele tornar-se-á mais fácil, e mesmo aqueles que são tímidos por natureza conseguirão trabalhar com alguém que seja mais corajoso.

Não temos que nos envergonhar da obra que estamos a realizar, pois ela é-nos ordenada por Deus e o próprio Cristo Se empenhou nela, dando-nos o exemplo de como devemos trabalhar. Não precisamos de pedir desculpa às pessoas por irmos contactá-las. Nem tão-pouco devemos ir receosos e embaraçados. Antes devemos ir animosos e optimistas, revelando nessa atitude que consideramos importante e necessária a obra que estamos realizando. E as pessoas observando o nosso zelo e entusiasmo se convencerão disso mesmo.

Não tenhamos receio de apresentar as verdades características que nos distinguem como povo, pois foi para isso mesmo que Deus nos chamou. Há certas verdades que outros cristãos também pregam. Começemos por essas e avancemos progressivamente para aquelas que não lhes são tão familiares e comuns.

Avancemos com fé e no poder d'Aquele que nos envia e prometeu acompanhar nesta obra (Mat. 28:20). Teremos sem dúvida resultados animadores, quiçá espectaculares, se nos aplicarmos zelosa, diligente e perseverantemente neste trabalho. Ao sairmos confie-mo-nos à guarda e protecção do nosso General que jamais perdeu batalha alguma. Peçamos-Lhe que coloque nos nossos lábios as palavras que havemos de falar e elas brotarão sem dúvida fluentemente em cada contacto que fizermos. Saíamos animados e animosos, e não duvidosos e receosos. O êxito será certo porque Jesus o prometeu quando obrarmos de acordo com a Sua ordem e instruções.

Muitas vezes somos levados a desanimar por não vermos resultados aparentes do nosso trabalho. Mas não esqueçamos que há mui-

tas pessoas que estão a ler os nossos livros, revistas e folhetos e que crêem nas verdades que eles apresentam. Se ainda não se decidiram pela verdade é porque as condições em que vivem e o exemplo que muitos de nós até agora lhes temos dado não são a isso favoráveis. Mas quando soar a mensagem do alto clamor elas se colocarão decididamente ao lado da verdade.

Temos despendido demasiado tempo com os que já conhecem a verdade. Precisamos de trabalhar antes em favor daqueles que nunca ouviram a verdade para este tempo. E ao mesmo tempo pôr a trabalhar todos aqueles que já conhecem a verdade. Isso ajudá-los-á a libertarem-se dos seus problemas e questiúnculas uns com os outros e os despertará para uma fé mais viva, fervorosa e activa.

Precisamos de compreender que a nossa principal actividade deve ser esta mesma: Organizar-nos e aos nossos irmãos para trabalharmos em favor dos que não conhecem a verdade para este tempo.

«Organizem-se rapidamente agora grupos que saiam de dois em dois e trabalhem no Espírito de Cristo, seguindo os Seus planos. Muito embora algum Judas possa introduzir-se nas fileiras dos obreiros, o Senhor cuidará da obra. Os Seus anjos irão na frente e prepararão o caminho». — *Medicina e Salvação*, pág. 303.

«Quando as cidades forem trabalhadas como Deus deseja que o sejam, o resultado será o pôr-se em operação um poderoso movimento, como jamais testemunhámos antes. Que o Senhor dê sabedoria aos nossos irmãos, para que saibam como levar a cabo a obra

«Ninguém cuidou da minha alma»

«Olhei para a minha direita, e vi, mas não havia quem me conhecesse; refúgio me faltou; ninguém cuidou da minha alma.» Salmo 142:4.

No período 1982-1983, 128.477 pessoas foram recebidas no seio da igreja. Podemos vê-las em grandes, médios e pequenos templos. Podemos vê-las em modestos e simples salões. Podemos vê-las entrando e saindo. E como membros da igreja, como se sentem?

Sentem-se conhecidos ou desconhecidos? Sentem-se como irmãos ou intrusos? Sentem-se como membros legítimos da família ou bastardos? Há alguém com amor suficiente e com responsabilidade definida de cuidar do crescimento destes que são ainda crianças no caminho?

Podemos vê-las entrando e saindo.

«Ninguém me conhece! Será que cometi um erro ao vir para esta igreja? Ninguém me conhece, ninguém me cumprimenta, será?... Será?... que não sou um irmão... será que não sou ovelha deste rebanho?

«Até aqueles que me levaram a doutrina, que me visitaram, que por mim oraram, até eles... Ninguém me conhece. Refúgio me faltou. Sei que este é o caminho. Não tenho dúvidas. Tenho, sim, lutas. Sou desprezado e rejeitado pelos parentes, amigos, colegas e vizinhos.

«Há um grito dentro de mim que não é ouvido. Tenho necessidade de cresci-

mento espiritual. Onde buscá-lo? Com quem? Quem é o responsável, nesta igreja, que creio ser a remanescente? Sim, quem é responsável por dar atenção, e servir de refúgio a um novo converso? Será que não sou irmão? Serei mesmo um intruso? Ninguém cuidou da minha alma. Faltou-me refúgio.»

Se deixarmos de arder em amor, muitos morrerão. São dezenas de milhares que estão morrendo, e não vemos que estão morrendo. Temos apenas os números. Não são identificáveis.

«Ninguém me conheceu. Sinto que a minha igreja é muito bem organizada. Tantos departamentos! Qual deles seria o responsável por acompanhar os meus passos até que me torne adulto, crescido e tenha estabilidade cristã no novo caminho? Tanta solidão em meio a tanta gente!»

A chegada de uma ovelha, que esteve fora do aprisco, à igreja, como também o regresso de um pródigo, é descrito em Lucas 15 como motivo de alegria no Céu e na Terra. É acontecimento comemorado com abraços fraternais, e também com ósculo santo. Tratemos com amor fraternal e com calorosas boas-vindas os novos irmãos.

JOSÉ BESSA FILHO

Departamental da Escola Sabatina
e Acção Missionária da Divisão
Sul-Americana.

em harmonia com a Sua vontade. Com grande poder deve soar nos grandes centros de população o clamor: 'Eis aí vem o Esposo! Saí-Lhe ao encontro!'» — *Idem*, pág. 331..

Se nos perguntássemos a nós mesmos quantas almas há na igreja que já levámos aos pés de Jesus, talvez tivéssemos de admitir que não levámos nenhuma. Mas não esqueçamos, uma vez mais repito, que Jesus prometeu estar com todos aqueles que obedecem às Suas instruções de levar o evangelho às almas que perecem. (Mat. 28:20).

Muitos que estão hoje na igreja, e até alguns que trabalham na Obra, e nada fazem pelo Senhor, precisam de se converter genuina-

mente antes de poderem emprender qualquer esforço missionário que o Senhor aprove. E, a menos que isto aconteça, correm o risco de perder eles próprios a eternidade e de serem responsáveis pela perdição daqueles cujas almas negligenciaram advertir.

A igreja deve dar prioridade à sua organização para o serviço. Há em todas as igrejas irmãos que individualmente se organizam para fazer trabalho missionário. Mas é da responsabilidade da igreja organizar em grupos de trabalho aqueles que estão dispostos a trabalhar e apelar àqueles que o não estão para que se disponham também a trabalhar. É bom termos várias actividades na igreja, mas esta deve ser a prioritária pois é a razão da

nossa existência como igreja ou comunidade.

Quando nos consagrarmos a Deus e fervorosamente buscarmos a unção do Espírito Santo, converner-nos-emos da urgência de trabalharmos para o Mestre e realizarmos então um trabalho como até aqui nunca foi realizado. O Senhor cooperará com os nossos esforços e, à semelhança dos apóstolos, levaremos em pouco tempo, quiçá «nesta geração», o evangelho a toda a nação, tribo, língua e povo.

Que o Senhor abençoe a cada um de nós nesta obra a fim de a vermos concluída em breve e poderemos saudar com alegria a gloriosa vinda de Jesus, nosso amado e bendito Salvador. □

Sinais dos Tempos — Sinais do Fim

JOSÉ MANUEL DE MATOS

Existe uma revista adventista publicada nos estados Unidos que se chama: Signs of the Times (Sinais dos Tempos). Esta revista tem uma secção dedicada a todos os leitores que têm alguma espécie de dificuldades de natureza prática ou doutrinária. Os leitores podem apresentar a sua dificuldade escrevendo para os editores da Revista que, num cantinho intitulado «Why not ask» (Porquê não perguntar) lhes responderão bem e depressa.

Vem isto a propósito de uma dessas revistas que li há dias em que aparecia o tal cantinho que referi e onde uma nossa irmã levantava o seu problema, ao mesmo tempo que desabafava e pedia um conselho. Achei a sua dificuldade deveras universal sob vários aspectos. Dificuldade capaz de interessar a muita gente nos dias que passam e quem sabe interessará também a muitos leitores da nossa Revista. Porquê? Isso já o poderão ver.

Adianto de imediato que ela é a única pessoa adventista na família — bem me parece — em-

bora seja de esperar que os sentimentos nobres não sejam somente virtude de cristãos. Que diz essa senhora? Mais ou menos isto: Estou casada há 43 anos. Criei 16 crianças — o mais velho tem agora 41 anos e o mais novo 16. E acrescenta de imediato: Não escrevi por sentir necessidade de simpatia para comigo mas seria bem-vinda uma palavra de apreço ou de compreensão. Nunca ouvi uma expressão de agradecimento da parte do meu marido ou dos meus filhos e filhas no que diz respeito ao trabalho que faço em casa. Tudo vai bem quando vou para o campo cortar a erva ou apanhar a fruta ou quando vou levar-lhes as refeições enquanto eles fumam sentados e descontraídos em frente da Televisão. E sou eu quem lava, engoma e dobra toda a roupa. Fico à espera que, pelo menos, eles a metam nas gavetas mas nem isso fazem. E continua a senhora: Há meses tive um ataque de coração. Depois o meu marido teve um problema seme-

lhante; além disso ele é canceloso mas costuma sentar-se a fumar desalmadamente. A casa está cheia de fumo e do barulho da Televisão. Vou para a cama ler a Revista ou um bom livro. Haverá alguém aí que me possa dar uma palavra de conforto?

Que sentiu o irmão ou irmã ao ler estas palavras? Que está sentindo agora mesmo? Não é fácil imaginar, já que conforme se diz às vezes, cada pessoa é um mundo e as reacções podem ser bem diferentes. Mas creio que para a maioria dos indivíduos a leitura destas palavras será motivo para uma reflexão à qual se não poderão furtar facilmente. Na autora destas linhas reconheceremos por certo algumas pessoas das nossas relações ou nos reconhecemos a nós mesmos. Quem sabe até se alguns não se reconhecerão na perspectiva do futuro? JESUS disse que nos últimos tempos, devido à multiplicação da maldade, o amor de muitos acabaria por esfriar. Penso que este é um dos sinais mais evidentes e mais espectaculares que se cumprem perante os nossos olhos. Eis aqui uma pessoa, uma senhora, um ser humano, pelo menos na casa dos sessenta que depois de uma vida laboriosa e esgotante (lembrem-se das 17 pessoas que estiveram ao seu cuidado), chega ao momento crucial de dizer, para pessoas praticamente desconhecidas: «Há alguém aí que me possa dar uma palavra de conforto?»

A ingratidão do homem alcança níveis tão profundos que os podemos denominar de apocalípticos. É provável que alguns leitores vivam na carne esta experiência. Desejaria de deixar uma palavra de conforto na perspectiva cristã. Conhecemos que os tempos do fim serão bastante difíceis; provavelmente estamos a viver agora o princípio das dores. Conforme sabemos o Espírito Santo retirar-se-á progressivamente da Terra e os homens ficarão entregues às suas paixões. A ingratidão tornar-se-á moeda corrente. Acabarão por ser poucos os que se conseguirão furtar à experiência daquela senhora que, depois de tantos anos de canseiras e dedicação, não encontra um eco de estima e gratidão mesmo nos seus próprios familiares. Dolorosa experiência na verdade, mas, por outro lado, esta é também uma experiência que nos ilumina na expectativa da Segunda vinda de Jesus. Ele disse-nos: Olhai, quando estas coisas acontecerem estará próximo o fim: — o fim do sofrimento, o fim do desespero, o fim da própria morte; numa palavra, o fim do pecado. E, com o fim do pecado, será o início duma época radiosa que os homens têm procurado instaurar na Terra em tentativas continuamente frustradas, mas que Deus, o senhor, implantará.

«Porque ainda um pouquinho de tempo e O que há-de vir virá e não tardará». (Hebreus 10:37).



Falando com o Pastor Samuel Reis

Feita ainda em 1985, esta entrevista, por razões alheias à nossa vontade, não pôde ser publicada mais cedo.

RA — É sempre um prazer e uma inspiração conhecer a vida e o ministério dos nossos pastores. Já nestas páginas tivemos oportunidade de falar com alguns irmãos. Desta vez, o nosso entrevistado é o Pastor Samuel Reis, de seu nome completo, Samuel José Ferreira dos Reis, nascido na cidade do Porto, em 1916.

— Pastor Reis, o seu nome — Samuel — dá-nos a impressão de que talvez os seus pais tivessem conhecido a Bíblia...

SR — Conheceram a Bíblia e conheceram a Mensagem Adventista, graças a Deus! Minha mãe conheceu-a através do Pastor Rentfro. Não sei se foi baptizada por ele. Quanto ao meu pai, ele morreu, tinha eu apenas onze meses, e por isso não o conheci. Mas sei, pelo que ouvi contar, que ele assistia às preleções do dito Pastor Rentfro. O meu nome, Samuel, tem, pois, raízes bíblicas e Adventistas...

RA — Isso quer dizer que o Irmão foi criado num lar Adventista...

SR — É verdade. Minha Mãe deu-me uma educação cristã. Porém, a minha verdadeira conversão deu-se quando eu tinha 15 anos. Nessa altura li o livro *O Conflito dos Séculos* de ponta a ponta. Ainda hoje guardo este maravilhoso livro como uma verdadeira jóia.

RA — Realmente, o livro *O Conflito dos Séculos* tem sido

uma bênção para a Igreja e motivo de muitas conversões. E a seguir, foi baptizado, não é verdade?

SR — Sim, em 27 de Junho de 1936, no Rio Leça, na Ponte da Pedra, subúrbios do Porto.

RA — Estudos e trabalho? Como era ser jovem nesse tempo?

SR — Estudei e trabalhei ao mesmo tempo. Entre estudos e trabalho, na Colportagem, houve um período de sete anos, dado que os concluí em Lisboa, no Instituto Académico Adventista, em 1941. O director era o Pastor Dias Gomes. Tenho as melhores recordações desse tempo. Foram meus colegas de Curso, entre outros, os Pastores José Júlio Pires, Arlindo Miranda, Armando Casaca, Francisco Cordas, Ataíde Candeias, e as Irmãs Fernanda Casaca, Mercedes Esteves, Luce-linda Godinho, Dulce Ribeiro Miranda e a minha mulher, Maria Fernanda Reis.

Já depois de casado e com alguma experiência pastoral tive ainda o privilégio de ir ao seminário de Collonges. Fui com o meu grande amigo e colega José Júlio Pires (que já descansa) e com as nossas esposas. Foi uma experiência muito interessante.

RA — Falou há pouco de Colportagem. Quer dizer que esse foi o seu primeiro trabalho?

SR — Sim. Comecei em Setembro de 1934. E o meu primeiro companheiro foi o Pastor José Joaquim Laranjeira. Fomos para a Vila de Vidigueira, no distrito de Beja. Nessa altura não existia a

Publicadora Atlântico. Era a Sociedade Filantrópica Adventista. Outros tempos.

RA — Como era o trabalho de Colportagem?

SR — Era difícil. Estávamos num período de crise mundial. Quase não havia dinheiro para comprar, quanto mais para comprar livros! Foram dias muito difíceis. Mas também passámos bons momentos e, com a ajuda do Senhor, muitos colportores venceram a crise.

RA — Falemos agora da sua carreira ministerial. Qual o seu percurso?

SR — Em 1 de Julho de 1941 fui colocado como estagiário na igreja de Coimbra, a substituir o Pastor Karl Sommer. Em Março do ano seguinte casei e, juntamente com minha mulher, partimos como pioneiros para Angra do Heroísmo. Aí nasceu a nossa filha mais velha, a Odete. Quando se deu a inauguração da sala de culto daquela cidade, durante a noite colocaram um dístico a toda a largura do prédio, com os seguintes dizeres: «Vão-se embora para África. Aqui não é terra de pretos!» Graças a Deus que não nos fomos embora. Presentemente, temos ali uma igreja própria para louvar o nome do Senhor condignamente.

Em 1944 regressámos ao Continente para dirigir o departamento de Publicações. A seguir veio o trabalho pastoral propriamente dito: Cascais, Tomar, novamente os Açores, desta vez para Ponta Delgada. A experiência foi aumentada e também a família. A nossa filha Eunice nasceu em Cascais, e nos Açores nasceu-nos o Rúben, o mais novo. Ficámos quatro anos

em Ponta Delgada. E de novo o Continente: Barreiro, Seixal e, cumulativamente, o Departamento da Juventude. Seguiu-se a responsabilidade da igreja de Coimbra, mais quatro anos, e depois, de novo, Lisboa. Estávamos em 1968. Foi-me confiada a responsabilidade da nossa Casa Editora, trabalho que realizei durante 14 anos.

RA — É de facto um percurso longo e variado. Qual foi a última igreja que pastoreou?

SR — Faltou mencionar que durante o tempo em que dirigi a Publicadora trabalhei simultaneamente como pastor da igreja de Alvalade. Odivelas e Torres Vedras foram as últimas igrejas que pastoreei. Creio que o trabalho da igreja era aquele de que mais gostava. E não só eu, mas também minha mulher e filhos. A nossa casa estava sempre cheia de jovens, era uma «segunda igreja», como dizíamos...

RA — Quando se aposentou? Ou melhor, quantos anos trabalhou?

SR — 50 anos. Fui aposentado no fim de 1984.

RA — Parece que o Irmão faz parte de uma família adventista que já vai na quinta geração. Diga-nos como é...

SR — É verdade. E sinto-me muito feliz com isso. A minha avó foi adventista do sétimo dia. Trouxe algumas almas para a Verdade. A irmã Adelaide Ferreira, durante muitos anos tesoureira da igreja do Porto, foi uma delas. A minha mãe foi adventista. Eu e a minha irmã somos adventistas. Graças a Deus. As minhas filhas são adventistas e tenho dois netos baptizados no Rio Jordão, já membros da Igreja Adventista. Os outros são ainda pequenos. Tenho seis netos, ao todo.

RA — Bom. Os netos baptizados no Rio Jordão são, certamente, os filhos da Odete e do Pastor Teófilo. É que parece que o seu ministério tem continuadores, não é?

SR — De facto, as nossas filhas estão ambas casadas com pastores adventistas. A Odete, com o Teófilo, que foi presidente da Missão de Israel durante vários anos. Foram depois chamados para os Estados Unidos, onde a Odete tem trabalhado como assistente do Dr. Oosterwal, no Instituto World Mission, e o Teófilo está concluindo a última fase do seu doutoramento na Universidade de Andrews. Neste momento, além de pastor, ele está já colocado como professor na Faculdade Adventista de Teologia, em Colonges.

A Eunice está casada com o Tito Falcão, que é actualmente pastor de uma das igrejas adventistas de Paris.

RA — Mas creio que o Pastor Reis também tem filhos espirituais, jovens que seguiram o ministério por sua influência ou conselho.

SR — Graças a Deus, alguns dos jovens com os quais trabalhei ou que baptizei, estão hoje no ministério. Lembro-me de alguns: Pastores Amílcar Lopes, Daniel Silva, Daniel Martins, José Luis Esteves, Raúl Meneses, José Carlos Costa, etc. Creio que há mais. Outros não chegaram a trabalhar na Obra, mas foram estudar para as nossas escolas.

RA — Hoje é tão difícil trabalhar com os jovens.



Parece que o Pastor Reis possui um segredo!

SR — Não há segredo nenhum! Julgo ser uma questão de vocação. Eu sempre gostei de trabalhar com a juventude. Não havia uma reunião de jovens ou uma reunião social em que eu não estivesse presente. Eles entravam sempre em primeiro lugar no meu ministério. Não havia uma festa de Natal ou das Mães em cujo programa eu não colaborasse, escolhendo, ensaiando, participando. Daí eu estar sempre ocupado com os jovens. Claro, dava muito trabalho. Mas valeu a pena!

Vou-lhe contar uma história passada em Coimbra. Quando ali chegámos, não havia jovens em número suficiente para fazer uma classe da Escola Sabatina. Algum tempo mais tarde, e graças a Deus tínhamos tantos jovens que eles faziam um certo barulho na igreja, sobretudo ao subir e descer as escadas, antes e depois dos cultos. Um dia, uma irmã chamou-me a atenção dizendo que «dantes não havia barulho na igreja». Respondi: É difícil ter jovens e silêncio. No dia em que eles não fizerem barulho, ou não estão cá, ou estão doentes, e temos de ir visitá-los ao hospital!

É assim mesmo. Temos de compreender a juventude. Temos de ter paciência e esperança com eles e neles!

RA — Qual a experiência ministerial que mais o impressionou?

SR — O trabalho em Vila Nova de Monsarros, a que na altura se dava assistência a partir de Coimbra. Nunca assisti a um pandemónio como aquele. Eu conto-lhe: Tínhamos começado a reunião com um hino. De súbito, ouve-se um barulho infernal. Era o povo da Freguesia que, instigado pelo padre local, veio para a rua com latas velhas, paus, forquilhas e sei lá o que mais. Tive que calar-me pois ninguém me ouvia. Isto durou cerca de 15-20 minutos. De repente, fez-se silêncio. Abrimos a porta e vimos a Guarda Republicana, com capacetes e armas

prontas a intervir. Havia já três pessoas presas. Foi-nos pedido para acompanhar a Guarda até ao posto de Anadia. Ali, o comandante perguntou-nos o que deviam fazer com os presos. Respondi que os mandassem embora e lhes pedissem para não nos incomodarem na próxima vez!

Enfim, tempos. Hoje, temos também uma bela igreja em Vila Nova de Monsarros.

Mas mais bela experiência foi por ocasião da campanha de evangelização do Pastor Lehnhof, em 1981. Quando ele chegou já tínhamos baptizado cinco preciosas almas. Mas depois, à medida que a campanha ia avançando, baptizaram-se mais vinte e cinco candidatos de Odivelas e Torres Vedras! Foi um ano maravilhoso: trinta almas ganhas!

E mais outra experiência. Quando os nossos filhos estavam nos Estados Unidos, fomos visitá-los e aproveitámos para dar um pequeno passeio de carro até Toronto, no Canadá. Fomos à igreja adventista portuguesa.

Quando entrámos, a pessoa que estava no uso da palavra, de repente cala-se, e a seguir diz:

— Não tenho a certeza, mas parece-me que acaba de entrar na igreja o Pastor Samuel Reis!

Era o ancião da igreja. Já não nos víamos havia trinta anos. Ele era um jovem de dezasseis anos quando deixámos Ponta Delgada. Foi um dos melhores Sábados que já passámos, em convívio com irmãos portugueses naquelas longínquas paragens. Lá estava o Adriano, um «ex-jovem», e agora ancião de uma igreja no Canadá! Não podemos esquecer esta experiência. Continuamos a orar por estes nossos filhos espirituais!

RA — Bom. Pena é não dispormos de mais espaço. Experiências não faltam. Mas temos de terminar. Que gostaria de acrescentar, como mensagem final?

SR — Em primeiro lugar quero dizer que foi bom responder ao chamado do Senhor. Não sei o que seria de mim se o Senhor não

me chamasse! Também dou graças a Deus pela companheira que me deu. A minha mulher tem sido uma inspiração em toda a minha carreira de obreiro. Esteve sempre ao meu lado, tanto nos dias bons como nos dias maus. Um agradecimento especial a minhas filhas. Quando eram solteiras, foram uma ajuda ímpar. E hoje, colaborando no seu próprio ministério, continuam umas filhas maravilhosas. O Rúbem, durante muito tempo, foi também uma valiosa ajuda no nosso trabalho ministerial, pois ele é muito dotado a lidar com os jovens. Ele não seguiu o ministério. É professor de Física.

Aproveito esta oportunidade para saudar todos os irmãos que colaboraram comigo nas diferentes igrejas em que trabalhei como pastor. Recordo com saudade e gratidão colegas e directores, que sempre me estimaram. Mas acima de tudo e todos, agradeço a Deus que me susteve e amparou, não só ao longo destes 50 anos de ministério, mas também ao longo destes 70 anos de vida!



JANELAS SOBRE O MUNDO

O Arco da Promessa

Aconteceu há dias.

O vento e a chuva fustigavam a cidade e parecia que as janelas do céu se tinham aberto, deixando passar os grandes tesouros que neles se contêm. Os caminhantes, em pequenas corridas, abriam caminho até aos seus destinos, tentando evitar os lugares de mais perigo, pois parecia que as árvores se iam arrancar ou que alguma telha se ia desprender e cair sobre eles.

De repente apareceu no céu o arco-íris.

Citadina, presa da rotina diária, há quanto tempo eu não via um arco-íris! As gotas de chuva pareciam uma espécie de janela de vidro fosco, mas através delas, o arco-íris era bem visível: as suas cores estavam esbatidas, mas a forma era inconfundível.

E cada vez ele se tornava mais nítido, mais luminoso, mais belo. A chuva parou. O sol rompeu. E o Arco da Promessa brilhou em todo o seu esplendor.

Alguém ao meu lado, disse:

— Parou de chover. Olha o arco-íris!

— É o arco da Promessa!

— Promessa? É apenas um fenómeno da Natureza! Promessa de quê?

— Promessa de Deus, de que as águas nunca mais destruirão a Terra. Promessa de vida, promessa e mandamento de amor.

«Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai Celeste, porque Ele faz nascer o sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos». (Mat. 5:44, 45).

«Porei nas nuvens o meu arco, será por sinal de aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda a carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda a carne.» (Gén. 9:13-15).

Graças, meu Deus, pelo Arco da Promessa!

Graças pelo Teu amor!

M.R. Baptista

Departamento de Actividades Leigas

GEORGE E. KNOWLES

Relatório apresentado no Congresso da Conferência Geral / Junho de 1985

O Departamento de Actividades Leigas é uma organização com representação a vários níveis: Igreja, Associação ou Missão, União, Divisão e Conferência Geral. Qual o propósito deste Departamento?

Já alguma vez imaginaram quais os sentimentos de uma mulher ao dizer à sua família que espera um bebé, ou as emoções de um homem ao anunciar o nascimento do seu primeiro filho? Que alegria profunda! Há uma nova vida, um bebé, como resultado do amor, como resultado de uma união. O indivíduo, ao tornar-se cristão, une a sua vida a Jesus. Nunca mais estará só. Tem um amigo, um companheiro.

Qual o Departamento da Igreja que ajuda os membros a se tornarem, pelo poder de Jesus, críticos produtivos, que fazem a igreja crescer? O Departamento de Actividades Leigas. Ele é o instrumento de Deus para capacitar os homens e mulheres que vão à igreja a tornarem-se verdadeiras testemunhas, missionárias e evangelistas para Deus. Este Departamento treina os membros da nossa igreja para partilharem a Palavra de Deus com os outros, para pregarem o Evangelho e darem estudos bíblicos. Incita-os a preocuparem-se com as necessidades da comunidade, a partilharem o Evangelho através da Campanha das Missões e da literatura missionária. Numa palavra: ensina o discipulado.

Evangelismo Bíblico

O membro mais velho do nosso Departamento é S. F. Monier, que veio para a família da Conferência Geral há dez anos, após ter trabalhado nas Divisões Inter e Sul-Americanas e Euro-Africana. É o encarregado do Evangelismo Bíblico no nosso Departamento.

Os membros da nossa Igreja crescem espiritualmente na medida em que testemunharem de Cristo. Se se tornarem evangelistas e dirigirem pessoalmente pequenas cruzadas evangelísticas nos lares de membros ou de amigos, manter-se-ão fiéis a Deus e darão frutos preciosos em Cristo.

Num tempo em que as grandes campanhas de Evangelização são caras e em que a situação financeira do mundo afecta a igreja, o nosso Departamento aceita o desafio de treinar milhares de membros como evangelistas que pregam ao lado dos pastores e dos evangelistas de carreira.

Durante o último quinquénio, como igreja, mantivemo-nos intensamente activos e empenhados em treinar pregadores leigos na América do Norte. Quarenta e um seminários de oito dias tiveram lugar em várias Uniões e Associações da América.

Seminários destes foram também conduzidos noutras divisões: Australiana, 31; África Oriental, 2; Euro-Africana, 2; Extremo Oriente, 2; Inter-Americana, 1; Médio Oriente, 1; Norte-Europeia, 8; África do Sul, 5; Sul-Americana, 1; Sul-Asiática, 1.

Preparam-se três séries de sermões para evangelistas leigos. Têm os títulos: *Encounter with Christ and His Word I* (20 sermões); *Encounter with Christ and His Word II* (21 sermões); *Encounter with Bible Prophecies II* (20 sermões). Publicámos também *Encounter with Revival*, 32 esboços para a parte espiritual das reuniões das equipas de Acção Missionária e para uso das reuniões de oração do meio da semana. (Encontro com Cristo e a Sua Palavra, Encontro com as Profecias e Encontro com o Reavivamento).

Os 13 capítulos do *Manual do Testemunho Cristão* foram audiovisualizados numa apresentação sob o título *No Limit* (Sem Limites) que ajudará os membros a compreenderem de tal maneira os princípios ensinados no Manual que esperamos que cada ouvinte fará do testemunho um modo de vida.

Seedtime and Harvest (Tempo de Semear e de Colher) é um filme de 16 mm, com 25 minutos de duração, produzido em quatro linguas. Foca princípios de crescimento, de designação do território e de compromisso para dedicar tempo a Deus.

Serviços Comunitários

Perry F. Pedersen dirige a secção de Serviços à Comunidade do Departamento de Actividades Leigas. As secções de Serviços à Comunidade e Dorcas, embora estreitamente relacionadas, têm campos de acção distintos.

O Departamento das Dorcas, desde o seu estabelecimento no virar do século, tem trabalhado mais com vestuário, roupa de cama e cobertores, e alimentos. Este trabalho tem sido realizado de forma extraordinária pelas nossas irmãs Dorcas em todo o mundo desde que se formou a primeira sociedade em Battle Creek, Michigan, na igreja Belfry. Milhares de mulheres adventistas têm virtualmente dedicado toda a sua vida ao serviço dos outros através deste maravilhoso ministério. Nós manifes-

tamos-lhes o nosso reconhecimento e prestamos-lhes homenagem pela maneira magnífica como têm oferecido o seu tempo, energia, dinheiro, e talento para ajudar os menos afortunados. Centenas de almas aceitaram esta mensagem desde que as nossas irmãs começaram a fazer o trabalho que Cristo fez nesta Terra.

Todavia, *Dorcas* não chega para descrever a extensão dos Serviços que oferecemos. Por isso usamos também o termo *Serviço à comunidade*, que em alguns países toma outras designações, consoante, inclusivamente, as necessidades legais. Porque em todo o mundo o nosso povo tem a visão deste importante trabalho.

Em Nairobi, no Quênia, e no Rio de Janeiro, Brasil, os Seminários de Liderança das Actividades Leigas foram feitos em conjunto com o Departamento da Escola Sabatina, dado que os oficiais da Divisão e da União, bem como os Departamentais se reuniram para estabelecer planos e modos de levar avante a comissão de Cristo. Como resultado dessas reuniões, recebemos já relatórios que mostram excelente progresso para a mensagem. Em cooperação com o Departamento de Saúde e Temperança são levados a efeito testes médicos de rastreio gratuitos, em muitas partes do mundo.

Mesmo sem se unir à Liga dos Homens Adventistas ou à Sociedade de Dorcas, cada membro pode tomar parte nos programas de apoio à comunidade. Os números no fim de 1983 mostravam que havia mais de 6.400 centros e unidades operadas por 15.785 sociedades e 380 veículos móveis que ajudam 92.726 pessoas por ano.

A Campanha das Missões

Maurice T. Bascom é o director-adjunto responsável por esta secção. A sua diversificada experiência missionária — trabalhou na Califórnia, na Coreia e no Japão — é de grande utilidade.

Segundo ele relata, o último quinquénio, entraram no Tesouro de Deus, através da Campanha das Missões 82.238.088 dólares (Esc. 13.980.474.960\$00) em todo o campo mundial. Isto representa um considerável aumento em relação à verba do anterior quinquénio, 70.337.785 dólares.

Em virtude do forte aumento do dólar dos Estados Unidos, as moedas vindas do campo mundial foram afectadas de forma adversa. Apesar de tudo, é a União Norte-Europeia que tem o privilégio de ter, per capita, a mais elevada verba de todas as Divisões Mundiais.

Muitos uniram-se ao povo remanescente de Deus como resultado de alguém ter batido à sua porta ao fazer a Campanha das Missões. Durante anos, a Campanha tem sido o maior meio de ganhar almas da Igreja Adventista.

Foram estabelecidos alguns planos e objectivos para a tornar um meio de alcance espiritual ainda mais vasto:

— Ir a todas as casas de habitação, comércio ou outros.

— Levar o amor de Jesus Cristo e a esperança da vida eterna a todas as pessoas.

— Orar com o maior número de pessoas, individualmente.

— Encorajar o estudo da Bíblia fazendo inscrições nos Cursos de Bíblia por correspondência.

— Oferecer literatura cristã.

— Dar a cada um a oportunidade de contribuir com a sua oferta para a manutenção da obra humanitária mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

— Localizar as pessoas que manifestarem interesse em vir à igreja ou em unir-se a ela.

Evangelismo pela Literatura

Russel W. Bates, foi, até meados de 1984, director-adjunto responsável pelo planeamento de literatura, seu desenvolvimento e distribuição. É também responsável pelo ministério das prisões. Apresentou um relatório sobre a produção de folhetos, livros e literatura missionária. Entre a lista de folhetos disponíveis e geralmente distribuídos pelos nossos irmãos, conta-se a série «Uma Hora com a Sua Bíblia», a colec-

ção *Boas Novas* (33 folhetos) e uma de 20 folhetos, designados Folhetos Especiais.

O plano especial de distribuição pelo correio das Revistas *Message* e *Signs* (esta última, equivalente aos *Sinais dos Tempos* em Português) está em marcha. Se quisermos cumprir a comissão de espalhar a nossa literatura como folhas de Outono, este plano tem de fazer parte da nossa acção missionária. (As pessoas compram estas revistas e depois enviam-nas a amigos e conhecidos, ou pagam assinaturas que a Casa Publicadora lhes envia directamente).

Em alguns lugares, muitas igrejas estão empenhadas num ministério em favor dos presos. Trabalho difícil e ingrato, podemos, todavia, registar milhares de baptismos como fruto desse trabalho. Há casos de pessoas que, ao saírem da prisão, foram frequentar escolas secundárias e de Teologia e são hoje pastores ordenados.

Somente na eternidade constataremos o verdadeiro impacto de um folheto oferecido a alguém, ou o resultado de uma oração pronunciada em favor de uma pessoa em necessidade, ou, ainda o alcance de uma boa acção feita àqueles que anseiam por conhecer o extraordinário amor de Deus. □

esteja em risco a vida e a segurança de seres humanos, justifica-se na perspectiva bíblica, mas este género de actividade é em geral totalmente diferente daquele que consiste em ganhar a vida entregando-se regularmente, no sábado, a trabalhos dependentes das urgências (tirar o boi ou a ovelha da cova — ver Luc. 13:15 e Mat. 12:11).

Nos sectores profissionais ditos «de primeira importância», são muitos os patrões que consentem de boa vontade em fazer arranjos favoráveis aos observadores do sábado. Quando não seja o caso, os nossos crentes deveriam passar cuidadosamente em revista os princípios que regem a celebração do santo dia de sábado e, nesta óptica, deveriam também examinar o género de actividade proposta, o enquadramento e o local do trabalho, as exigências ligadas a este último — e, finalmente, as suas motivações pessoais, antes de se comprometerem numa profissão em que serão levados a trabalhar no sábado. Deveriam fazer ao Senhor a pergunta que Paulo Lhe fez no caminho de Damasco: «Que queres que eu faça?»... Quando prevalece esta atitude de fé, estamos persuadidos de que o Senhor conduz o crente, fá-lo discernir a Sua vontade e fornece-lhe a força e a sabedoria necessárias para proceder conformemente.

Decisões morais relativas à observância do sábado. Os organismos militares, educativos, políticos ou outros recusam muitas vezes aos nossos membros o gozo total ou parcial dos privilégios ligados à observância do sábado. Tomar-se-á em consideração as sugestões seguintes para tentar evitar estas situações deploráveis, ou diminuir-lhe as proporções:

A Observância do Sábado — IV

Empregos e Negócios

Declaração de princípio. A noção bíblica do sábado inclui simultaneamente uma dimensão humana e uma dimensão divina (Mat. 12:7). Na perspectiva divina, o sábado convida o crente a renovar o seu compromisso com o Senhor, cessando o seu trabalho quotidiano para adorar o Criador mais livremente e numa maneira mais profunda (cf. Êxodo 20:8-10; 31:15, 16; Isa. 58:13, 14). Do ponto de vista humano, o sábado convida o crente a celebrar o amor criador e redentor de Deus, mostrando-se bondoso para com o seu semelhante e preocupando-se com o seu bem-estar (Deut. 5:12-15; Mat. 12:12; Luc. 13:12; João 5:17). A observância deste santo dia implica, portanto, ao mesmo tempo, parar o trabalho secular na intenção de honrar a Deus e realizar actos de amor e bondade para com o próximo.

Trabalho de primeira importância e serviços de urgência. Para exaltar a santidade do sábado, os adventistas do sétimo dia devem agir com sabedoria na escolha da sua profissão. Devem dar preferência a empregos que lhes deixem toda a latitude para adorar o Criador no Seu santo dia, sem estarem implicados no mínimo que seja em actividades seculares, isto é, remu-

neradas. Noutros termos, evitarão os tipos de compromisso profissional que, embora úteis ao bom funcionamento duma sociedade tecnologicamente avançada, ameçam levantar problemas no domínio da observância do sábado. Citemos por exemplo o serviço obrigatório ao sábado numa central eléctrica, na polícia ou num posto controlador de tráfego aéreo.

Por outro lado, a Escritura e o Espírito de Profecia são formais no que diz respeito aos deveres que, na nossa qualidade de cristãos, temos em relação aos nossos semelhantes — e isso também no dia de sábado. No contexto actual, podem-se classificar nessa categoria as profissões directamente ligadas à salvaguarda da vida humana, nomeadamente as que são exercidas pelo pessoal médico, os serviços de segurança em caso de incêndio, os condutores de ambulâncias, etc. O exercício destas actividades é muitas vezes acompanhado de transacções comerciais, de trabalhos seculares e/ou de rotina que, esses, são de evitar. Desaconselhamos declaradamente os arranjos que implicam uma ocupação regular no fim-de-semana, com remuneração das horas de trabalho efectuadas no sábado.

Intervir numa situação crítica, em que

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

2.º Trimestre de 1986

* COLHEITA 90

* A Obra na Áustria

a) População: 7.551.000
b) Igrejas: 41
c) Membros: 2.750

* Trabalho dos Colportores Evangelistas, com especial relevo na obra de ganhar novos colaboradores

** Campanhas de Evangelização regionais:

Guarda, Viana do Castelo, Rio Maior

Um dirigente de igreja competente (encarregado da Liberdade religiosa ou da Juventude) será nomeado pela Conferência ou pela União, a fim de se manter ao corrente dos acontecimentos que, por natureza, possam prejudicar a liberdade de adorar a Deus no sábado. Se necessário, esse responsável entrará em contacto com as autoridades competentes, para as informar do efeito adverso que qualquer disposição oficial ou legislação desfavorável à observância do sábado exerceria sobre os adventistas do sétimo dia. A adopção de tal linha de conduta pode evitar que diversas organizações tomem medidas susceptíveis de privar involuntariamente os obser-

vadores do sábado, total ou parcialmente, das vantagens espirituais ligadas a esse dia.

Seria igualmente necessário que um dirigente da igreja se esforçasse por entrar em contacto com todo e qualquer organismo no seio do qual um adventista se encontre em dificuldades relacionadas com esta mesma questão. O apoio dado desta forma contribuiria para fortalecer, não só o membro em aflicção, mas também a igreja toda.

Compra de mercadorias e remuneração de serviços no sábado.

(1). O sábado foi instituído para ser uma fonte de liberdade espiritual e de ale-

gría para todo o ser humano (Êxodo 20:8-11). Na nossa qualidade de cristãos, devemos defender este direito fundamental do homem, que lhe é dado directamente pelo Criador. Como regra geral, a compra de mercadorias, as refeições tomadas em restaurantes e a remuneração de serviços prestados por terceiros deveriam ser evitadas, por não estarem em conformidade com o princípio e a observância do sábado.

(2). Além do mais, as actividades comerciais acima mencionadas desviam o espírito do sentido sagrado para o fixar naquilo que é secular (ver Neem. 10:31; 13:15 e seg.). Fazendo-se planos convenientes, é possível tomar previamente as disposições necessárias para responder às exigências previsíveis decorrentes da observância do sábado.

Estudos dum problema específico.

Quando um membro de igreja se vê na obrigação de se demitir dum posto que ocupava — ou quando perde o seu emprego por causa do sábado — e a Denominação o admite ao seu serviço, confiando-lhe funções equivalentes, no exercício das quais ele deve também trabalhar nesse dia, recomendamos que se tenham em conta as seguintes sugestões:

1. Com tacto e sabedoria, explicar a este novo colaborador a natureza essencial da tarefa que tem a desempenhar.

2. A organização que emprega este membro tomará providências para que apenas os aspectos indispensáveis do trabalho em questão sejam efectuados no sábado. Também os administradores não deverão deixar de explicar ao novo empregado os objectivos religiosos e os objectivos fundamentais da organização que ele serve.

3. Adoptar-se-á um sistema de trabalho por turnos, a fim de que esse empregado possa celebrar frequentemente o sábado como convém.

Trabalho por equipas. Quando um adventista do sétimo dia esteja ao serviço dum membro da companhia ou dum instituição onde a regra seja o trabalho por equipas, pode acontecer que lhe seja requerido que trabalhe durante uma parte ou a totalidade do sábado. Em tais circunstâncias, daremos a esse membro os conselhos seguintes:

1. Deverá apelar para a boa vontade dos seus superiores e procurar com eles uma solução viável: por exemplo, encontrar um colega de trabalho que esteja de acordo em substituí-lo nesse dia.

2. Poderá também propor aos seus patrões compensar o tempo de trabalho «perdido» no sábado, sacrificando uma parte das suas férias anuais, certos dias feriados, ou adoptando, se possível, um horário menos favorável do que aquele que tinha até essa altura.

3. Se todos os esforços feitos para satisfazer os patrões forem sem resultado, o adventista empregado por essa companhia deverá pensar em procurar outro emprego. □

IDE E PREGAI

Como terminará a obra do Senhor?

Introdução

O aumento demográfico é um facto. O anúncio da verdade evangélica não o consegue acompanhar. Como será pregada a tríplice mensagem angélica?

Leitura intercalar

Mateus 24:14
Romanos 9:28

I — Homens ... não anjos!

É preciso confiança no Senhor da Obra!

1. Pedro e Cornélio

Actos 10:22 — Deus serviu-Se dum anjo para ajudar um dos seus servos a trabalhar mais eficazmente na salvação das almas.

2. Filipe e o eunuco etíope

Actos 8:26 — Um anjo indicou a Filipe onde encontrar o etíope, mas foi por um homem que a Verdade foi revelada.

3. Tesouro em vasos de barro

II Coríntios 4:7 — O vaso de argila sublinha a imagem da fragilidade do homem. O Evangelho continua a ser de Deus.

4. Homens em vez de anjos

«Deus poderia haver realizado o Seu desígnio de salvar pecadores sem o nosso auxílio; mas a fim de desenvolvermos carácter semelhante ao de Cristo, é-nos preciso partilhar da Sua Obra.» — *O Desejado de Todas as Nações*, p. 100.

II — A terminação da Obra

1. A missão

Mateus 28:19-20

2. Os métodos

Todos os possíveis, com todos os esforços do Seu povo.

3. As testemunhas do Senhor

Isaías 43:10 — As verdadeiras testemunhas

4. O Espírito Santo

Actos 1:8 — Qualifica-nos como testemunhas

III — Deus promete o êxito

1. Daniel e os três companheiros

Daniel 3:17; 1:19 — Finas qualidades mentais e alto tono moral não são o resultado de acidente.

2. Eliseu e o seu apelo para servir

Daniel 3:17; 1:19 — Finas qualidades mentais e alto tono moral não são o resultado de acidente.

3. Ninguém é dispensado

A ordem divina «Ide» tem carácter generalizado.

Conclusão

Estatisticamente a tarefa parece ser cada vez mais árdua. Só unidos uns com os outros, e, todos com Deus, poderemos ser aquele povo que espera o Senhor. Todos sabemos: João 17:14-17.

Manuel Garrido

Quatro Novos Pastores

— Cerimónia de Consagração

Por altura da Convenção Pastoral, em 7 de Setembro de 1985, foram consagrados quatro novos pastores da nossa União. São eles: Júlio Cardoso, José Luís Esteves, Ezequiel Quintino e Sérgio Teixeira.

A Revista Adventista gostaria de ter podido inserir nas suas páginas e no momento devido esta notícia bem como as fotografias dos novos pastores. Apesar de todos os nossos esforços, isso não foi possível e a única fotografia que temos mostra os consagrados e suas esposas a cantarem um hino. A esposa do Pastor José Luís Esteves não pôde estar presente, visto que esta família se encontra a trabalhar nos Açores.

A cerimónia de consagração teve lugar nas instalações do Parque MV, na Costa de Lavos.

A apresentação das biografias dos candidatos, de que damos breve nota a seguir, esteve a cargo do Pastor Daniel Silva. O Sermão da cerimónia da Consagração foi feito pelo Pastor António Maurício. A oração da Consagração foi proferida pelo Pastor Joaquim Morgado e a Investidura foi feita pelo Pastor Juvenal Gomes. Ao Pastor José Manuel de Matos coube apresentar as boas-vindas aos novos pastores.

Júlio Constantino Pinto Cardoso

Nascido em Vila Nova de Gaia, em 1945, foi criado num lar adventista e baptizado na igreja do Porto em Dezembro de 1967.

Após alguns anos no Brasil, regressou à Europa para cursar Teologia no Seminário de Collonges.

Iniciou o seu ministério em Setembro de 1977, na igreja de Lisboa — General Roçadas. Trabalhou a seguir nas igrejas de Almada, Seixal e Paivas. Encontra-se presentemente no Barlavento Algarvio, nas igrejas de Portimão e Lagoa.

Casado com Ilda Maria Santiago, o casal tem uma menina, a Eunice.

José Luís de Ascensão Esteves

Nasceu em Coimbra, em Dezembro de 1943 e ali foi baptizado em Agosto de 1961. Também de família adventista, trabalhou como colportor-estudante até à altura em que foi para Moçambique cumprir o seu Serviço Militar. Ali conheceu sua mulher, Maria José Nunes.

O casal recebeu pouco depois um chamado para trabalhar na Missão de Mungulúni e a seguir o Irmão José Luís ocupou funções departamentais e administrativas. Data desta época a sua prisão durante 24 dias por motivos religiosos, o que o obrigou a regressar a Portugal.

Decide então prosseguir os seus estudos de Teologia em Sagunto. Em 1979 ingressa na obra em Portugal, como Departamental de Publicações.

Segue-se o trabalho pastoral na igreja de Lisboa — General Roçadas e em Angra do Heroísmo.

onde se encontra presentemente como pastor distrital dos Açores. A família Esteves tem três filhos: a Elsa, o Samuel e a Sandra.

Ezequiel Assunção Quintino

Nasceu em Lisboa, em Fevereiro de 1943 e cresceu na igreja Central, da qual seus pais eram activos membros. Foi baptizado em Dezembro de 1956.

Estudo e trabalho levaram-no à Alemanha e Suíça, tendo-se deslocado a Collonges para estudar Francês. Ali acabou decidindo-se por Teologia, que o Serviço Militar veio interromper. Mesmo assim conseguiu ainda frequentar o Curso Bíblico de Lisboa. Mobilizado para Angola, regressou ao fim de 25 meses. Empregou-se e casou então com Natividade Lopes, assistente pastoral na igreja de Alvalade. Mas pouco depois abandona o seu emprego e partem ambos para Collonges.

Concluídos os estudos, começa o trabalho de evangelização como estagiário em Lisboa, sendo a seguir designado para a igreja de Espinho, colaborando nos Departamentos da Juventude e Rádio.

Em 1983 tem a oportunidade de voltar a Collonges como bolsheiro da Divisão e nessa mesma qualidade se encontra presentemente na Universidade de Andrews, nos Estados Unidos,

após uma breve paragem pelas igrejas-da zona de Almada.

Sérgio Danilo de Faria Rodrigues Teixeira

O Pastor Sérgio é natural do Funchal, onde nasceu em 1948. Sua mãe é adventista, pelo que desde menino, foi educado nas «sagradas letras», sendo baptizado em Julho de 1961. Emigrando para Angola, casou, em Luanda com Maria Deolinda Leite. Nessa altura frequentava a Faculdade de Engenharia. Mas os acontecimentos relacionados com a independência de Angola levaram esta família (como tantas outras) até novas paragens e o Irmão Sérgio continuou os seus estudos noutra faculdade e outro ramo. Efectivamente, estudou Teologia no I.A.E., o nosso colégio de S. Paulo, Brasil. Concluídos os seus estudos, veio em 1979 para Portugal. Começa o trabalho de evangelização em Lisboa-Central, com o Pastor António Maurício, seguindo-se-lhe a responsabilidade das igrejas de Amadora, Reboleira e Sintra, onde ainda hoje se encontra.

A família Teixeira tem três filhos: a Vânia, a Karen e o Heber.

A Revista Adventista, fazendo-se eco das igrejas portuguesas, felicita os novos pastores consagrados e deseja-lhes, bem como a suas Famílias, um abençoado e propício ministério.



Dedicação da nova Igreja de Viseu

O dia 11 de Janeiro de 1986 foi um dia de festa em Viseu: inaugurou-se o novo Templo Adventista desta cidade!

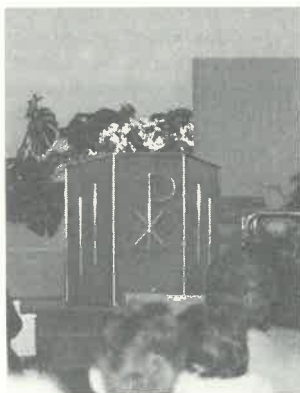
Já há longos anos que os cristãos adventistas de Viseu ansiavam por este dia. Todavia, só agora tivemos a alegria de ver concretizado este nosso desejo.

As instalações da igreja, além de exíguas, constituíam um certo perigo e desdouro para a congregação local, não só pela sua localização, mas também por outros factores, não honrando o nome do Senhor nem oferecendo condições para a pregação da Mensagem. Com o passar dos anos, essas circunstâncias foram-se agravando e a solução era de facto, uma nova igreja. Tal era o ardente desejo dos crentes, que de alma e coração se lançaram neste empreendimento.

O dinamismo e dedicação do Pastor Joaquim Casaquinha constituíram importante factor na realização de todo este projecto. Logo após a sua vinda para esta igreja, foi constituída uma Comissão para fazer planos e avançar. Fez-se também uma cruzada de oração. Em breve o Senhor, como resposta às orações, nos proporcionou um edifício apropriado e se procedeu à compra da parte em que está instalada a igreja. Vários membros da igreja de Viseu e de ou-

tras deram o seu contributo, monetária ou fisicamente, colaborando nas indispensáveis obras de adaptação. A congregação entrou num plano de financiamento a que a União deu o seu aval. A própria União e a Divisão contribuíram com uma importante parte para o projecto global. Sem todo esse auxílio conjunto, e dado os actuais custos dos edifícios, a nova igreja de Viseu não teria podido ser a realidade que é. A congregação adventista de Viseu agradece a todos o seu auxílio. Bem hajam.

No Sábado, a sala de culto tornou-se pequena!... Foi graças a um circuito interno de T.V. que uma grande parte dos visitantes e membros locais puderam assistir à inauguração,



Aspecto da Sala com Tribuna

em simultâneo, no salão de jovens.

Na inauguração, estiveram presentes o presidente da União, Pastor Joaquim Morgado, e outros Pastores que passaram por esta igreja: Eduardo Graça, Amílcar Lopes e Abílio Echevarria. Mais alguns tinham sido convidados, mas circunstâncias várias impediram a sua presença.

O Pastor Echevarria apresentou um interessante historial do início da Mensagem Adventista nesta cidade. Contou como a Irmã Maria Sampaio Nunes e seu marido se deixaram conduzir pelo Senhor a Viseu e como o seu zelo e coragem missionária originaram a igreja que hoje temos nesta linda cidade de Viseu.

A tarde do dia de Sábado foi preenchida com música, apresentada pelos jovens adventistas de Coimbra, Avintes e Oliveira do Douro.

A festa não terminaria neste dia, pois no Domingo, catorze preciosas almas, uma das quais pertencente à igreja de Carregal do Sal, selaram o seu pacto com o Senhor, através do baptismo, resgatadas que foram pelo precioso sangue de Cristo.

Tendo em conta os tempos em que vivemos, foi, sem dúvida, um momento alto, aquele que esta congregação viveu.

Os neófitos contaram a sua experiência e houve muitas lágrimas de alegria e comoção quando lhes foram dadas as boas-vindas à nova família que ansiosamente os aguardava.

Cabe-nos agora a nós, irmãos mais velhos na fé, ser os tutores destes frágeis rebentos que começaram um novo nascimento.

Que o Senhor continue a abençoar a proclamação do Seu Evangelho em todo o mundo e, em particular, nesta cidade de Viseu, para que brevemente haja necessidade de outro novo templo. É esta a nossa oração.

Daniel Marques da Silva
Ancião da Igreja de Viseu



Irmã Maria Sampaio Nunes



Escola Sabatina

Baptismos em Espinho

Tudo começou no dia 1 de Junho de 1985, quando, pela primeira vez, o António Santos tomou conhecimento directo com a Igreja Adventista, precisamente no Congresso Regional Norte realizado em Espinho.

O Toni fora convidado pelos colegas de trabalho, que são



adventistas, para assistir ao Congresso e como tal acompanhou-os. Mas não se ficou por esta visita ao Congresso, pois começou a frequentar a igreja de Espinho com a esposa. Após algum tempo, o Toni tomava mais uma decisão na sua vida: abandonar o conjunto musical ao qual pertencia, pois tinha compreendido que ali não fazia a vontade de Deus.

O Toni continuou a frequentar a classe das visitas (ou Baptismal) e no fim de 1985, pediu ao Pastor Cordeiro para se baptizar no dia 2 de Janeiro de 1986 para começar, segundo ele disse, uma vida de acordo com a vontade de Deus. O pedido foi atendido.

Uma semana após o baptismo do casal, a sua única filha de 2 anos de idade era dedicada ao Senhor, em cerimónia realizada pelo pastor local.

Deste relato verdadeiro podemos ver que os Congressos dão o seu fruto e como tal devemos apoiá-los firmemente, nesta obra que é do Senhor.

Sidónio Novo
Secretário Missionário da
Igreja de Espinho



Acreditando que, em muitos casos, as imagens mais elucidam do que as palavras, dou prioridade às fotografias que vos darão uma melhor ideia deste momento alto da Juventude de Queluz.

Trabalhemos pelos jovens e a Igreja, com eles, será triunfante!

Maria Augusta Pires
Assistente pastoral da
Igreja de Queluz

Jovens de Queluz

GRAÇAS A DEUS!

A Igreja de Queluz já tem Tições e Desbravadores em boa forma e actividade.

Nos dias aprazados para as respectivas investiduras, a igreja viveu momentos de salutar festa espiritual.

As crianças, algumas de fora da Igreja, estavam esfuziantes de alegria. Os pais sentiam-se seguros de que alguém estava trabalhando em favor dos seus filhos.

Agradecemos aos irmãos e irmãs que, zelosa e devotadamente, lutam na preparação dos «Cordeirinhos» que Jesus tanto deseja ter consigo para sempre. Que Ele caminhe convosco no vosso abençoado labor.



5.º CAMPOREE EUROPEU

Informações

Os dirigentes de jovens das Uniões da Divisão Euro-Africana reuniram-se em Berna de 7 a 8 de Janeiro de 1986 para prepararem o 5.º *Camporee Europeu*. O Pastor José Carlos Costa, da União Portuguesa, por razões de ordem económica, não pôde assistir. Todavia, eis informações recebidas do pastor John Graz, líder de jovens a nível da Divisão:

De 22 a 30 de Junho esperam-se em França, no «Moulin de l'Ayrolle», cerca de 700 jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, vindos de França, Itália, Alemanha, Bélgica, Suíça, Espanha, Portugal e Áustria. Esta propriedade encontra-se situada em pleno coração das Cevenas, no Sul da França.

Juntos, estes juvenis partilharão a sua fé e a sua alegria de serem Cristãos e viverão experiências inolvidáveis. O *Camporee* terminará a 30 de Julho com uma cerimónia baptismal. Os jovens da Alemanha e Suíça Alemã prolongarão a sua estadia até 3 de Agosto.

1986 é o Ano da Paz. Por isso, o tema escolhido pelos chefes da Juventude foi «Jesus, nossa Paz». Um slogan que certamente ajudará esta pequena sociedade internacional a viver uma verdadeira fraternidade em Jesus Cristo.

Foram marcados mais dois encontros preparatórios para se estabelecer o programa de actividade e para se proceder à devida instalação no terreno.

Para os juvenis da nossa Divisão, um *Camporee* é um acontecimento excepcional, que deixa recordações para toda a vida. Eis porque o consideramos prioritário. Os Jovens Adventistas da Europa precisam de conhecer-se uns aos outros, precisam de encontrar-se uns com os outros, a fim de aprenderem a testemunhar da sua fé em Jesus Cristo.

Mais informações através do Departamento de Jovens da União Portuguesa

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Dorinda Ferreira Galinha

A Igreja de Coimbra ficou mais pobre neste último trimestre de 1985. Perdemos durante ele três irmãs que já descansaram em Cristo, aguardando a ressurreição.

Primeiro foi a irmã Dorinda, que após uma longa enfermidade foi operada, e no dia 28 de Outubro descansou.

Ficou em todos uma grande saudade daquela que era um pouco de todos nós e na qual os jovens possuíam uma «tia» sempre alegre e com uma palavra amiga. Esperamos e aguardamos o Dia do Reencontro.

Maria Alina Carvalho

Quando no número de Dezembro de 1984 da Revista Adventista foi publicado o testemunho da irmã Maria Alina Carvalho, essa irmã falava-nos de um Deus que ainda hoje faz maravilhas. Pedira ela ao Senhor: «Ó meu Deus! não te quero desagradar, mas se a verdade está na igreja em que ando, então deixa-me viver a minha vida como até aqui e dá-me mesmo a morte, se for essa a Tua vontade; mas se a verdade está na Igreja Adventista, então como sinal permite que eu volte a fazer a minha vida normal durante um ano».

A verdade é que a partir desse momento as melhoras

foram espectaculares. A sua fé fortaleceu-se no Senhor e n'Ele colocou a sua total confiança.

Pois bem, Deus concedeu-lhe não um ano, como ela pediu, mas dois anos.

No dia 24 de Dezembro acompanhámo-la à sepultura onde descansa aguardando o momento de rever para sempre os seus familiares, aos quais recordamos a palavra do Senhor: «Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor...»

Maria do Carmo Santos

No dia 26 de Dezembro e após um longo período de doença, adormeceu em Cristo a irmã Maria do Carmo Santos, com quase 91 anos de idade (completá-los-ia no próximo dia 22 de Fevereiro). Foi membro desta igreja durante mais de 32 anos. Membro fiel até ao fim. Igualmente aguarda esse dia por todos ansiado em que Jesus virá pôr fim ao último inimigo — a morte.

«E quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Traga-da foi a morte na Vitória.»

Eduardo Graça
Pastor da Igreja
de Coimbra

DIA DA REVISTA ADVENTISTA

26 de Abril

Em cada lar adventista deveria haver
uma REVISTA

É necessário aumentar o número
de assinantes

Uma oferta especial será levantada a 26 de Abril

As Missões contam convosco

Sabem que a Divisão Euro-Africana tem neste momento 74 missionários a trabalhar em diversas regiões do mundo? Eu tinha a intenção de vos apresentar a lista dos seus nomes, mas fiquei surpreendido. Ela é, de facto, demasiado longa!

Um outro ponto importante diz respeito ao sustento da obra missionária. Todos os anos a nossa Divisão gasta quantias enormes para a manutenção dos nossos três campos missionários: África do Norte, Angola e Moçambique. Mas é para nós motivo de grande alegria ver como a obra de Deus se desenvolve e prospera nesses lugares.

O interesse dos nossos membros pelas missões foi sempre muito profundo. Talvez que ele tenha diminuído nos últimos anos. Todavia, como disse Jesus: «O campo é o mundo» (Mateus 13:38); por isso é um privilégio ter uma tão grande equipa a pregar a Boa Nova em terras distantes.

Chegam-nos constantemente apelos tanto de voluntários como de missionários regulares. A partir de agora, publicaremos sob esta rubrica as necessidades da obra missionária. Qualquer pessoa interessada poderá escrever-nos através da sua União.

I. A Divisão da África-Oceano Índico precisa como missionários:

1. Uma secretária-tradutora de Francês-Inglês para o escritório da Divisão de Abidjam. **Urgente!**

2. Professor/a de ciências para o Colégio de Buaqué,

Costa do Marfim. Assim que for possível.

3. Um professor de agricultura para a Universidade Adventista da África Central, no Ruanda.

4. Um professor/a de francês para a mesma Universidade.

5. Um tesoureiro para a União da África Central e nos Camarões.

6. Um director para o Departamento de Temperança na União do Ruanda. É necessário possuir bons conhecimentos de saúde pública.

II. A mesma Divisão procura uma professora primária aposentada que esteja disponível para partir no plano especial «au pair» para a Universidade Adventista da África Central, no Ruanda.

7. Procura também um/uma voluntário contabilista, que saiba Português, para Cabo Verde.

III. A Divisão da América do Sul procura um professor que possa ensinar música e religião na academia do Centro-Brasil.

Quando lerem estas linhas, Jean-Luc Liénard e sua mulher terão já deixado Bruxelas e estarão a caminho do Ruanda.

Jean-Luc acaba de terminar o seu doutorado em biologia e vai ensinar esta matéria na Universidade Adventista da África Central. Acompanham-nos os nossos votos e orações.

George Stéveny
Secretário da Divisão
Euro-Africana